

Disciplina: Sintaxe do Português I
Prof. Dra. Maria Célia Lima-Hernandes

Bloco 3 : O sujeito sintático e a complexidade da categoria pessoa

I. O sujeito nas gramáticas normativas

1.1. Definição - o que é sujeito?

- Se for delineado pelo seu caráter semântico: O que ele faz? O que ele é em essência?
- Se ele for delineado pelo seu caráter sintático: Que posição na sentença ele ocupa? Com que termos ele se relaciona? Com quem ele mantém relações de concordância?
- Se ele for delineado pelo seu caráter pragmático: Que intenção ele tem? O que ele fez intencionalmente?
- Se ele for delineado pelo seu caráter morfológico: Por qual classe de palavras ele se expressa?

Como já imaginam desde nossos estudos sobre verbos auxiliares, não há também uma convergência entre as ideias priorizadas pelos autores de gramáticas. Que tipo de definição cada autor elege para delinear a função de sujeito sintático?

Momento de Reflexão:

- Análise os dados que incluí nas 3 primeiras linhas. Nelas, você encontrará três autores de gramática normativa: Rocha Lima, Celso Cunha & Lindley Cintra e Napoleão Mendes de Almeida.
- Classifique o tipo de definição que cada um deles formula e assinale, na última coluna, o resultado de sua análise.
- Busque outros materiais de língua portuguesa cujo título tenha a palavra “Gramática”. Faça a consulta, e preencha as informações nas linhas subsequentes do quadro a seguir.

Autor	definição	classificação	Como você classificaria essa definição?	
Rocha Lima (O ser de quem se diz algo	a) <i>determinado</i> (simples ou composto) b) <i>indeterminado</i> , c) <i>oração sem sujeito</i>	<input type="checkbox"/> sintática <input type="checkbox"/> semântica	<input type="checkbox"/> pragmática <input type="checkbox"/> morfológica
Celso Cunha & Lindley Cintra	o ser sobre o qual se faz uma declaração	a) <i>simples</i> b) <i>composto</i> c) <i>oculto</i> d) <i>indeterminado</i> e) <i>oração sem sujeito</i>	<input type="checkbox"/> sintática <input type="checkbox"/> semântica	<input type="checkbox"/> pragmática <input type="checkbox"/> morfológica
Napoleão Mendes de Almeida	a pessoa ou coisa sobre a qual se faz alguma declaração	a) <i>simples</i> b) <i>composto, indeterminado</i> c) <i>oração sem sujeito</i>	<input type="checkbox"/> sintática <input type="checkbox"/> semântica	<input type="checkbox"/> pragmática <input type="checkbox"/> morfológica

II. O sujeito na abordagem funcionalista

2.1. O peso do critério semântico

Antes de mais nada, é preciso saber que os funcionalistas definem língua como um sistema semântico. Isso nos permitirá entender por que o critério semântico tem um peso maior em todas as classificações que eles propõem. Observe como isso se dá na proposta que transcrevo a seguir.

Traços do sujeito	Explicação do traço	Delineamento
1. humano	não é coisa, não é bicho, é gente.	semântico
2. animado	não é morto, é vivo.	semântico
3. tópico	está em primeira posição da cadeia sintática	sintático
4. definitude	é uno, especificado como definido	semântico-sintático
5. agente	é um ser que age, que faz a ação do verbo	semântico-pragmático
6. tema	é o ser sobre o qual se declara algo	semântico
7. individuado	volição, participação, consciência	pragmático
8. informação compartilhada	é informação já conhecida do interlocutor.	semântico

É possível refinar esses traços em uma gradiência mais tênue de acordo com a produção dos dados recolhidos dos usos espontâneos. São critérios que se têm testado para checar sua eficiência na distinção dos sujeitos. Esse refinamento tem sido feito pelos sociocognitivistas, que são linguistas que querem entender a relação entre usos linguísticos e desenvolvimento humano. Normalmente, estes recorrem a uma figura de “criança interior” como uma fase de desenvolvimento em que se tem menor complexidade nos usos sintáticos. Essa criança interior seria correspondente à etapa pueril de aquisição de linguagem, em que os usos tendem a expressões menos abstratizadas. Lembremo-nos das categorias cognitivas tratadas em sala de aula:

corpo > **pessoa** > objeto > lugar > tempo > qualidade...

Desde as fases mais tenras de nosso desenvolvimento, vamos aprimorando cada vez mais as habilidades de lidar com o próprio corpo, com os sentimentos e as emoções que experimentamos nos contextos em que adentramos e passamos a integrar. Acoplamos traços de agentividade e de passividade diante de cenas que vivenciamos. Tudo isso, ocorrendo na prática, pouca consciência nos traz sobre os efeitos em nós mesmos. Estamos maturando a capacidade de avaliar essas mesmas cenas e, mais do que isso, avaliarmos as atitudes em cada uma dessas cenas. Quanto mais contextos vivenciarmos em sua diversidade, mais autônomos nos tornamos ao longo do tempo. Quanto mais aprendemos a lidar com os revezes dessas atitudes nossas e de outros, mais ganhamos em autoconhecimento e menor índice de somatização ou de efeitos na corporeidade.

O afastamento de nós mesmos nas cenas de que participamos é um exercício poderoso de maturação. O que procuramos para nos preencher está dentro de nós, mas precisamos do outro e das cenas vivenciadas com o outro para progredirmos. Volte a observar as categorias cognitivas e faça uma autoavaliação. Em que instâncias de sua vida você ainda precisa expandir fronteiras de alteridade?

O que isso tem a ver com sintaxe? A cada contexto vivenciado e a cada resposta corporeada, uma nova acepção pragmática está embutida. Uma nova forma de dizer ou um novo contexto a acoplar gera condutas linguísticas e interculturais.

Sabemos, contudo, que, quando somos alunos de sintaxe e temos que lidar com muita informação que coloca em cotejo a gramática normativa com a realidade dos usos, a depender do conteúdo semântico verbal, os traços podem gerar variadas dúvidas. Isso ocorre, por exemplo, com o verbo *coçar*, que é previsto como verbo de ação na gramática normativa, mas é reflexivo quanto ao efeito da ação no sujeito, no caso de ele mesmo se *coçar*. Pensemos em outros predicadores que fogem à típica transitividade de partir do sujeito em direção a um objeto. De todo modo, é um bom exercício de reflexão, especialmente se selecionarmos os critérios de voz (gramatical) e de beneficiário (semântico).

	Agente	Recíproco	Reflexivo	Paciente
voz	ativa	medial	medial	passiva
beneficiário	-	+	++	+++

Há uma dinâmica instaurada na sociedade que tende a criar novas construções quando a que era corrente abre espaço para acolher um novo sentido. Para evitar que haja confusões e incompreensões, lançamos mão de verbos suporte, por exemplo. Se, na maior parte do século XX, o verbo transar era empregado em contexto comercial, hoje já não é assim. Daí surgir o v-suporte “vim fazer uma transação” em lugar de “vim transar”.

2.2. Como identificar o sujeito

A primeira dificuldade no modelo funcionalista é manter a atenção elevada para não cair na cilada de achar que o predicador é sempre composto de uma única unidade, com um sujeito sempre agentivo. O mundo real é uma gradiência de complexidade que enriquece a forma do dizer.

Nem sempre temos o sujeito na oração, por mais que essa seja considerada uma função essencial. Por vezes, o sujeito é aquele que, entre duas opções, parece não ser o mais provável. Vejamos alguns casos que geram dificuldade a iniciantes da sintaxe.

Para refletir sobre essas dificuldades, vamos utilizar um conto de Machado de Assis, disponível no site: <https://machadodeassis.ufsc.br/obras/contos/avulsos/CONTO.%20A%20vida%20eterna.%201870.htm>

Trata-se do conto: Avida eterna, publicado no *Jornal das Famílias* em 1870. A versão integral desse conto está inserido ao final deste texto como Anexo I.

a) Vocativo: invariavelmente, os alunos do ensino básico confundem o vocativo com o sujeito. Isso se deve ao fato de o vocativo incluir em seu núcleo um indivíduo de traço [+animado].

(1) — Sente-se, meu rico senhor!

O vocativo “meu rico senhor” (exemplo 1) obviamente seria em menor vezes confundido com um sujeito por estar em posição final da frase, embora, por ser único candidato ali, pudesse ser eleito por um grande número de estudantes para a função de sujeito. Qualquer iniciante de sintaxe, no entanto, se sentiria em dúvida entre sinalizar “Sr. Tobias” (ex. 3) ou “ela” (ex. 3) como o sujeito. No entanto, essa dúvida se dissiparia durante a identificação do sujeito no exemplo 2, em que Meu rico Sr. Tobias seria único candidato a ocupar essa função.

(2) — Meu rico sr. Tobias, é inútil dizer-lhe que eu sinto imensa satisfação com a proposta que me faz, e está longe de mim a ideia de recusar a mão de tão formosa criatura, e mais os seus contos de réis. Entretanto, peço-lhe que repare na minha idade; tenho setenta anos; a sra. D. Eusébia apenas conta vinte e dois. Não lhe parece um sacrifício isto que vamos impor à sua filha?

(3) — Sr. Tobias, ela não tem culpa.

O sujeito e o vocativo devem ser discernidos muito bem durante as explicações do professor de português. Um dos argumentos que ajudaria seria trazer à baila a diferença entonacional entre sujeito e vocativo. O sujeito mantém a mesma entonação dos demais termos essenciais. Já o vocativo, instanciado no discurso e não na gramática, pede uma curva entonacional diferenciada, especialmente em primeira posição da sentença.

Na posição inicial, um outro problema pode ser gerado: a confusão entre vocativo e construção de tópico. Ambos pedem uma entonação diferenciada.

b) Topicalização (construção de tópico): é bastante comum que se confunda o sujeito com a construção de tópico. O que tem em comum essas funções? Ambas cumprem o requisito de ser [+animado], muitas vezes [+humano]. No que diferem? A construção de tópico é função discursivo-pragmática (voltada à intenção de quem fala) que se coloca nas bordas da oração e tem uma entonação diferente dos demais



termos da oração. Sua função prioritária é introduzir um novo tema à conversa ou dar destaque a um dos tópicos anteriormente incluídos sem destaque. Esse destaque será o tema da conversa sucedente. Já o sujeito tem função semântico-sintática dentro da oração e mantém a entonação coerente com os demais termos. Vejamos alguns exemplos:

- (4) — Mas aquele padre, senhora, perguntei eu parando em frente dela, aquele padre também é cúmplice?
(5) — E a senhora! também é cúmplice, pois que as suas palavras foram um verdadeiro laço; se não fossem elas eu não aceitaria o casamento...

A conversa anterior mantida entre as personagens, no trecho em que se encontra o texto do exemplo 4, não trata diretamente do “padre”, tampouco da “senhora”. Em outras palavras, a conversa não era sobre eles. Eles integravam o contexto da conversa de forma menos central em relação ao assunto tratado. Vejamos:

— Sei, senhor, respondeu Eusébia; não lhe disse eu que este casamento era o quinto? Onde estão os outros quatro maridos? Todos eles penetraram neste aposento para saírem meia hora depois. Alguém os vinha chamar, sob qualquer pretexto, e eu nunca mais os via. Desconfiei de alguma grande catástrofe; só agora sei o que é.
Entrei a passear agitado; era verdade que eu ia morrer? era aquela a minha última hora de vida? Eusébia, assentada no sofá, olhava para mim e para a porta.

Como pudemos ler, a conversa rondava sobre o casamento e os maridos. Por isso, para introduzir o assunto novo, foi preciso criar uma topicalização (deslocamento à esquerda com entonação diferenciada), que o trecho do exemplo (4). E na sequência da conversa, desloca-se para o foco da conversa a própria interlocutora (a senhora), tal como expresso no exemplo (5), também com entonação diferenciada.

Depois de construir os tópicos (o padre e a senhora), eles podem integrar a sintaxe normalmente. No caso do exemplo 4, “o padre” assume a função de sujeito (aquele padre também é culpado?) e no caso do exemplo 5, “a senhora” é sujeito oculto (também é cúmplice).

Analise este exemplo extraído do conto:

- (6) **Estas palavras** disse-as eu em voz alta a **ver se** o dr. Vaz acordava; mas o meu amigo continuava mergulhado na cadeira e no sono.

c) Verbo haver (e seus congêneres): é muito comum que atribuamos um sujeito a uma construção com o verbo *haver* existencial. Se ele for predicador exclusivo (sendo verbo pleno, como nos exemplos 8 e 9), não terá condições semântico-sintáticas de ter um sujeito. Se, contudo, ele vier inserido como verbo auxiliar (V1) numa perífrase (como nos exemplos 6 e 7), ele terá seu sujeito associado ao V2. Analisemos alguns casos:

- (7) Vaz estava assentado numa cadeira de espaldar, toda forrada de couro, igual às que ainda hoje se encontram nas sacristias; e eu estendi-me em um sofá também de couro. Ambos fumávamos dois excelentes charutos que me **haviam mandado** de presente alguns dias antes.

- (8) Entretanto perguntava a mim mesmo como é que os meus escravos deixaram entrar um desconhecido até a porta do meu quarto, apesar das ordens especiais que eu **havia dado** em contrário.

- (9) Só **havia** um meio: ladear.

- (10) Eu me espantaria do contraste que **havia** entre a riqueza e a aparência do desconhecido se não tivesse já a convicção de que tratava com um doído.

- (11) Espantou-me aquele movimento, e durante alguns minutos fiquei na posição em que estava, sem saber o que **havia de dizer**.

- (12) — Desconfio que **hei de morrer** amanhã; não se espante; tenho certeza de que amanhã vou para o outro mundo. Isso é o menos; morrer é dormir, *to die, to sleep*; entretanto, não quero ir deste mundo sem cumprir um dever imperioso e indispensável.

É certo que, lidando com uma forma de se expressar do século XIX, havíamos de ter algumas construções pouco típicas das usuais hoje em conversa cotidiana. Pode ser devido ao peso da normatividade no período, mas também pode ser devido à formalidade maior do momento. Vejamos uma construção típica daquele momento histórico e sua correspondente na fala cotidiana hoje:

que me havam mandado de presente	tinham mandado / mandaram
das ordens especiais que eu havia dado	tinha dado / dei
sem saber o que havia de dizer	ia dizer / dizer
Desconfio que hei de morrer amanhã (não desiderativo)	vou morrer

d) As construções V-se em contexto de pergunta “o quê?” - quando um predicador eventualmente pronominal admite a pergunta logo após si, lembre-se de que há ali, tanto para a gramática normativa quanto para o funcionalismo, a possibilidade de manifestação de um sujeito. Vejamos alguns casos:

(13) — Sem demora. **Vista-se** enquanto eu leio. **Levantou-se**, foi à minha estante, tirou um volume do D. Quixote, e foi **sentar-se** outra vez; e enquanto eu, mais morto que vivo, ia buscar ao guarda-roupa a minha casaca, o desconhecido tomou uns óculos e **preparou-se** para ler.

Antes de tratar do tema, vamos falar de usos do português do Brasil. Na história de usos de verbos posicionais e atitudinais, presenciamos uma grande mudança formal: tornamos em regra variável o uso do pronome em verbos que eram essencialmente pronominais e, em gerações mais jovens, há uma tendência de uso de verbos nessas condições sem nenhum contexto de uso pronominal. É assim que verbos posicionais (que sinalizam a posição do corpo humano: sentar-se, levantar-se, deitar-se, etc.), verbos atitudinais (vestir-se, despir-se, preparar-se, etc.), dentre outros verbos (vide exemplo 12).

No que tange à construção com o pronome SE, aquela que é associada à voz passiva sintética e que admite a pergunta “o quê” depois ou antes de si (ênclise e próclise, respectivamente), podemos analisar os seguintes trechos:

(14) — O Tobias não podia encontrar melhor genro, **nem** que andasse com uma lanterna por toda a cidade, que digo? por todo o império; **vê-se** que o dr. Camilo da Anunciação é um perfeito cavalheiro, notável por seus talentos, pela gravidade da sua pessoa [...]

Pergunta: vê-se o quê?

Resposta: que o dr. Camilo da Anunciação é um perfeito cavalheiro...

Essa resposta desempenha a função de sujeito sintático, embora nenhum iniciante em sintaxe reconheça ali traços de agente, humano, animado, etc. Trata-se de um sujeito sintático. Aliás, numa configuração sintática que diz muito a respeito do momento em que devemos discuti-lo em sala de aula do ensino básico. É um sujeito mais complexo. Precisa de um certo grau de maturação para entender que esse sujeito sintático é, na verdade, a marca de subjetivação, um recurso sintático a serviço de funções discursivas autorais.

(15) Resistir era impossível e arriscado; o homem estava armado com um argumento poderoso; e além disso, pensava eu, não **se discute** com um doido.

Pergunta: não se discute o quê?

Resposta: não há informação que possa preencher a resposta ali. A pergunta deveria ser: Não se discute com quem? Essa não é uma pergunta que permita identificar sujeitos sintáticos.

No entanto se o exemplo fosse assim construído: “não se discute isso com um doido”. O sujeito sintático seria “isso”: o que não se discute? Isso.

É óbvio que existe uma estratégia discursiva de quem escreve: dar uma desculpa para sua falta de argumentos. Elidindo o sujeito, exime-se de elaborar um argumento, esconde-se por trás de um argumento mais fraco e pouco pertinente.

e) **Contextos que podem gerar confusões:** como a língua é dinâmica e se acomoda nos usos cotidianos de modo a alterar construções descritas pela gramática normativa como corretas e únicas, precisaremos sempre prestar atenção a como a geração de nossos alunos formatam as informações que querem passar. Certamente, você identificará contextos em que o sujeito pode ser indefinido do ponto de vista semântico, mas é codificado por um item delineado sintaticamente. Os pronomes normalmente preenchem o requisito de sujeito se vierem em relação de concordância com o predicador. Esses casos trazem confusão aos alunos do ensino básico. Vejamos alguns exemplos:

(16) — Quem é este sujeito que está dormindo tão tranquilo? perguntou ele enquanto limpava os óculos.

(17) Fui ver quem me batia à porta.

(18) Compreende alguém a minha situação?

Analisando os três exemplos anteriores, logo verificamos que o pronome “quem” é o sujeito em dois deles. No terceiro, é o pronome “alguém”.

Esses exemplos fazem cair por terra aquela pergunta inicial de como achar o sujeito, justamente porque produz um resultado circular: Quem é este sujeito? Resposta: Quem; Quem batia à minha porta? Resposta: Quem.

São casos típicos de quando o sujeito responde ao preenchimento de uma função sintática. Obviamente, não atende a todos os traços semânticos: é humano e animado. Mas estes são apenas dois dos traços que podemos analisar. Obviamente, há um terceiro traço a se considerar aqui: o da concordância, mas ele também é sintático.

2.3. Como medir a complexidade do sujeito

A primeira pergunta que um futuro professor de línguas se faz é: para que serve delinear os traços tão finamente apresentados pelos funcionalistas? A resposta está na tarefa mais comum do professor: preparar aulas adequadas ao perfil do estudante iniciante em sua turma e projetar em que medida avançará em termos de complexidade com o tema eleito para estudo. Cada gênero discursivo adota configurações gramaticais típicas para sua construção. O sujeito é apenas uma delas.

Em outras palavras, os traços do sujeito permitem selecionar textos numa gradiente de complexidade e, a partir deles, construir exercícios que vão gradativamente acoplando um repertório cada vez mais complexo à percepção e compreensão do estudante. Se respeitarmos esses limites, o estudante vai aprendendo sem sofrer e sem se sentir muito aquém do que é apresentado em aula. Trata-se de um respeito a uma fase de construção de conhecimentos e também de auto-estima. É mais do que ensinar língua e gramática. É ensinar a ler o mundo em suas fragmentos históricos e sincrônicos.

Quanto mais traços negativos tiver um sujeito, mais complexo ele será. Se o professor dosar adequadamente esses traços negativos, melhor compreensão e êxito no processo de ensino-aprendizagem ele proverá à sua conduta didático-pedagógica. Por isso mesmo, deve-se ensinar os sujeitos menos complexos antes dos mais complexos e ir devagarinho inserindo a complexidade, uma vez que aqueles demandarão menor esforço cognitivo (tempo menor de percepção e compreensão maior).

III. Vamos esticar a conversa sobre a categoria de Pessoa?

Durante nossas conversas em sala de aula, tratamos, de modo superficial, do processo de individuamento da pessoa. Creio seja relevante compreender um pouco mais disso para avançarmos em nosso processo de autoidentificação como professor que se responsabilizará pela formação de outras pessoas. Se queremos um mundo melhor e com pessoas mais felizes no que fazem, precisaremos falar de “pessoas” e de processos de “individuamento”.

O primeiro ponto relevante para essa abordagem temática é lembrar que há uma gradiência de complexidade na constituição da forma de comunicação humana:

Linguagem > Língua > Gramática

A linguagem surge do processo de evolução da espécie humana. De grunhidos e gestos corporeados nascem os sons da língua. A língua é resultante da acoplagem repetida de mesmos sons em mesmos contextos. Surgem as seqüências que constituem os signos. Dessa repetição que vai se amplificando a outros membros de grupos sociais, surgem os padrões de realização, ou seja, a gramática. É certo que a maneira como trato do tema é bastante simplória, mas ajuda a entender o que pretendo aqui. Deixe-me contar de um modo diferente isso tudo que acabei de dizer.

A linguagem surge do processo de desenvolvimento do filhote humano (bebê > criança...). O bebê vai dominando a agentividade inconsciente de seu corpo. Vai sentindo estímulos e os respondendo. Dos gemidos, choros e manhas nascem os sons que comunicam. Toda mãe conhece a diferença entre um choro num contexto e um choro noutro contexto. Sabe o que motivou e responde adequadamente para resolver o problema sinalizado. Esse aprendizado da mãe é também uma resposta que vai sendo co-construída. O bebê percebe que deu certo e vai, ao mesmo passo do reforço da mãe, demandando suas necessidades. E a mãe também percebe que deu certo e passa a ler adequadamente a mensagem com respostas eficientes. Nasce a língua corporeada. Da língua corporeada, nasce a gramática dessa língua. É certo também que a forma como explico esse grande milagre humano é bastante simplista. Mas também atende aos propósitos aqui de fazer refletir sobre a língua como algo de nasce de dentro para fora.

Tanto na evolução da espécie humana (filogenia) quanto no desenvolvimento do bebê humano (ontogenia), há similaridades de condutas e respostas sociais. Podemos, por enquanto, admitir que a ontogenia recupera a filogenia. Obviamente, essa frase é eco de descobertas de cientistas de outras áreas científicas, mas, sem dúvida, torna possível pensar nos efeitos no campo de saber da Linguística e da Linguagem Humana.

A Língua é, assim, corporeada. Nasce dos movimentos e sons modulados pelo corpo. A língua é multimodal, assim como seus produtos de comunicação. A gramática é, assim, a padronização desses movimentos, imagens e sons coligados. Há um modo de agir para cada situação apresentada. Há uma gramática para cada situação apresentada.

Retomemos o que nos motivou a conversa deste momento: a individuação. Para falar de individuação, retomarei o corpo humano o que nos permite reconhecer como indivíduos sociais: o corpo. Então, podemos dizer que somos seres sociais. Podemos dizer que aprendemos uns com os outros a sobreviver e a criar as condições de desenvolvimento. Mas só poderemos contribuir para a evolução da sociedade se assumirmos nossa autonomia de função e cumprirmos direitinho nosso papel social.

3.1. O corpo em sua etimologia

Dizem os estudos sobre complexidade e teoria dos caos que uma semente é potencialmente um fruto. Então, no campo da linguagem a palavra e a construção é potencialmente sua etimologia. Se houver sentido nisso, visitar dicionários torna-se um bom caminho para se provocar reflexões. Vamos a eles:

Etimologia:

Corpo < *Latim* CORPUS < Indo-Europeu KWREP- (corpo, forma, aparência)

Acepções correntes:

1. (Anatomia) a parte material de um ser animado
2. Qualquer porção limitada de matéria
3. a pessoa, o indivíduo
4. cadáver (inanimado)
5. grupo que atua em conjunto (corpo de baile)
6. agremiação, corporação (corpo de bombeiros, por ex)
7. parte principal de certos objetos inanimados (corpo do texto)
8. densidade, consistência (tomar corpo)

Considerando que a primeira acepção tem a tendência de ser a mais antiga e mais presente nos usos, então corpo é materialidade, é integral, é uno. Mas pode se tornar em partes, em inanimado, em coletividade e em construção contextual.

3.2. O corpo na Filosofia

Ao longo do tempo, os filósofos que discutiram o binômio corpo-mente tiveram formações prévias que implicavam justamente a lida do corpo material. Durante muito tempo, não houve autópsias. Então, a observação do corpo morto machucado ou morto por duelos, lutas, guerras, era o que fazia os médicos pensarem essa questão. Muitos acompanhavam a passagem da vida para a morte e viam nesse momento que marcadores denunciavam a chegada da morte do corpo.

Organizarei, a partir daqui, com base em algumas leituras dispersas, o que cada período filosófico trouxe como contribuição para o sentido de *corpo* (com ou sem alma).

3.2.1. Período Pré-socrático

Tales de Mileto (séc. VI a.C.) é considerado o primeiro filósofo por situar suas explicações para os fenômenos naturais fora do divino. Antes de ser conhecido como filósofo, também atuou como astrônomo, matemático, engenheiro e comerciante. Aliás, desde sempre, as pessoas não têm estudos ou atividades numa só área. Ter formação numa área qualquer poderia tornar o indivíduo mais competente que outros para atuar em muitos campos do saber. Eis o sentido pleno de sabedoria.

Ideias de Mileto: os princípios internos da natureza são suficientes para explicar sua estrutura. Não precisamos recorrer a mitos divinos. Essa proposição desencadeia uma leva de propostas que substituem o mito na explicação dos fenômenos do universo. O efeito natural é determinante. Essa lógica revela a maneira como a sociedade grega de então percebia a organização e o funcionamento do **corpo humano**.

3.2.2. Período homérico

Homero foi primeiro grande poeta grego, escreveu *Ilíada* e *Odisséia* (séc. VIII a.C.). São obras épicas que lhe foram atribuídas. São narrativas inspiradas em momentos púnicos em que a observação do corpo é necessária. Nessas obras, *corpo* aparece nomeado como *guya* (membros do corpo em movimento) e *melea* (membros dotados de força muscular), além de *demas* (estrutura, tamanho e semelhança). Não havia a referência a **soma**. Os estudiosos dizem que não havia palavras para *mente* nem *alma*, daí a não-referência a **soma**, que é uma unidade de vida psíquica. Havia, contudo, o uso do termo **psyché** nos momentos em que o “sopro de alma” abandonava o indivíduo. Nesse momento, a **psyqué** saía pela boca ou pelas feridas. Também usava **thymós** (fonte das emoções) que geraria o movimento, o ímpeto e teria como lugar o **coração** do indivíduo.

3.2.3. Período clássico

Neste período, busca-se conhecer a alma e sua relação com o corpo. Tentarei resumir de forma organizada algumas ideias.

a) Anaxímenes (588-524 a.C.) – da escola de Mileto: a fonte do pensamento é o ar. “nossas almas, sendo ar, nos mantêm unidos; e a respiração e o ar compreendem o mundo todo” (*apud* Barnes, 2002)

b) Alcmeon de Crotona (500-450a.C) – médico e filósofo – apontou o cérebro como sede da razão e de todas as sensações. Influenciou o *corpus hippocraticum* (Coleção Hipocrática) e depois Platão.

c) Diógenes de Apolônia (499-428 a.C.) – o ar tem a capacidade de produzir pensamentos, sensações e vida. O intelecto seria resultado da mistura do ar com o sangue, que percorreria as veias do corpo, mas tudo teria início com o ar indo para o cérebro.

d) Empédocles de Agrigento (495-435 a.C.) – médico e filósofo – considerava que a natureza era composta por quatro elementos (ar, água, fogo e terra). Considerava a existência de 2 princípios cosmogênicos: Amor (união) e Ódio (separação). Essa visão binária foi transposta para o corpo: saúde e doença. Considera o locus do intelecto é o sangue, que se concentra no coração.

e) Hipócrates (460-377 a.C.) – considerado pai da Medicina e um dos grandes médicos de sua época. Escreve o *Corpus hippocraticum* (coleção de 60 tratados médicos). O **cérebro** é sede dos julgamentos, das emoções e de atividades do intelecto. Por isso ali também ocorrerão transtornos neurológicos (espasmos, convulsões e desordens da inteligência). **Corpo** é composto por 4 *humores*.

Humor	Elemento Universal	Parte do corpo
1. Sangue	Ar	coração
2. Flegma	Água	Cérebro
3. Bile amarela	Fogo	Fígado
4. Bile negra	Terra	Baço

Num outro livro, *Da sagrada doença*, Hipócrates trata da epilepsia, conhecida popularmente como doença sagrada. Ele defende que não há nada de divino nela. Justifica que ela se situa no cérebro e ocorre com base no desequilíbrio dos humores.

f) Platão (427-347 a.C.) – Em sua obra *Timeu*, defende que a **alma** seria composta por 3 partes:

Partes	Origem	Sede
Alma imortal	Intelecto (Logos) - Alma do universo – cabeça	Cérebro (controla o corpo)
Alma mortal	tórax	Coração (coragem e sentimentos)
Alma mortal	Entre diafragma e umbigo (perto do fígado)	Abdômen (<i>locus</i> dos desejos)

Para esse autor, há uma dicotomia entre corpo e alma.

g) Aristóteles (384-322 a.C.) – filósofo e biólogo – O coração (gera calor, origo dos vasos sanguíneos e do sangue) é a sede da **alma**, das emoções e do intelecto. O coração é o primário em origem no corpo do embrião. No tratado *Da Alma*, propõe a distinção entre seres animados e inanimados, distintos pelo princípio vital, a alma. Distingue as faculdades da alma assim:

Princípio vital	Seres animados	faculdades biológicas
Vegetativa	vegetais	Nutrição, crescimento e geração
Sensitiva	Animais irracionais	autonomia do movimento, sensações do corpo
Intelectual	Animais racionais	Capacidade e desejo de conhecer e de pensar. Possui as faculdades vegetativa, sensitiva e intelectual.

Para esse autor, corpo e alma são integrados.

Argumentos de Aristóteles para centralizar o coração e não o cérebro

Coração	Cérebro
Afetado pelas emoções	Não afetado
Todos os animais possuem-no ou algum similar	Somente possuem os vertebrados e os cefalópodes, e só alguns têm sensações
Fonte do sangue necessário para a sensação	Sem sangue, sem sensações
Quente (alta vitalidade)	frio
Ligado a todos os órgãos sensoriais e músculos pelos vasos sanguíneos	Sem ligação aos órgãos, ou ligação irrelevante
Essencial para a vida	Nem tanto
Primeiro a formar e o último a parar	Segundo a ser formado
Sensível	Insensível, se o cérebro de um animal ficar descoberto, ele pode ser cortado sem que haja sinal de dor ou desconforto
Encontra-se em posição central, ideal para o controle central	Nem tanto

3.2.4. No mundo teocêntrico - Idade média

- o corpo é refém da religião: reprimido e censurado.
- a alma é mais importante do que o corpo.
- jejum, abstinência e autoflagelações eram práticas comuns para purificar a alma.
- manifestações corporais eram ligadas ao pecado e à degradação da alma.

3.2.5. No mundo antropocêntrico - Modernidade

- a partir do séc. XVII, o corpo sofre mudança de concepção
- o homem passa a cultivar a si próprio.
- comportamentos sociais mudam
- leis para o funcionamento da sociedade passam a ser ditadas pela razão (florescimento científico e capitalismo como lógica comercial).
- na Biologia, o corpo é uma máquina cheia de engrenagens.
- sentimentos, emoções e sexualidade foram incorporados pela nova sociedade como temas
- o mundo passou a ser explicado pelas leis da Física, da Matemática e da Biologia

3.2.6. No mundo contemporâneo

- o corpo ganha evidência por meio das novas tecnologias e, principalmente, através do marketing de produtos e de estilos de vida
- desejo de obter a perfeição física com base em alguns padrões
- o corpo passou a ser, de fato, um produto comercializado, e virou o desejo de consumo das mais diferentes camadas sociais.
- o mundo é globalizado e o corpo também o é.

Gramáticas Referidas

Rocha Lima, **Gramática Normativa da Língua Portuguesa**. 49ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011 [1972].

Cunha, Celso; Lindley Cintra, Luís Felipe. 7ª edição. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. Rio de Janeiro: 2016 [1985].

Almeida, Napoleão Mendes de Almeida. **Gramática Metódica da Língua Portuguesa**. 13ª edição. São Paulo: Edição Saraiva, 1961[ano?].

Anexo I: A vida eterna (Machado de Assis)

É opinião unânime que não há estado comparável àquele que nem é sono nem vigília, quando, desafogado o espírito de aflições, procura algum repouso às lides da existência. Eu de mim digo que ainda não achei hora de mais prazer, sobretudo quando tenho o estômago satisfeito e aspiro a fumaça de um bom charuto de Havana.

Depois de uma ceia copiosa e delicada, em companhia de meu excelente amigo dr. Vaz, que me apareceu em casa depois de dois anos de ausência, fomos eu e ele para a minha alcova, e aí entramos a falar de coisas passadas, como dois velhos para quem já não tem futuro a gramática da vida.

Vaz estava assentado numa cadeira de espaldar, toda forrada de couro, igual às que ainda hoje se encontram nas sacristias; e eu estendi-me em um sofá também de couro. Ambos fumávamos dois excelentes charutos que me haviam mandado de presente alguns dias antes.

A conversa, pouco animada ao princípio, foi esmorecendo cada vez mais, até que eu e ele, sem deixarmos o charuto da boca, cerramos os olhos e entramos no estado a que aludi acima, ouvindo os ratos que passeavam no forro da casa, mas inteiramente esquecidos um do outro.

Era natural passarmos dali ao sono completo, e eu lá chegaria, se não ouvisse bater à porta três fortíssimas pancadas. Levantei-me sobressaltado; Vaz continuava na mesma posição, o que me fez supor que estivesse dormindo, porque as pancadas deviam ter-lhe produzido a mesma impressão se ele se achasse meio acordado como eu.

Fui ver quem me batia à porta. Era um sujeito alto e magro embuçado em um capote. Apenas lhe abri a porta, o homem entrou sem me pedir licença, e nem dizer coisa nenhuma. Esperei que me expusesse o motivo da sua visita, e esperei debalde, porque o desconhecido sentou-se comodamente em uma cadeira, cruzou as pernas, tirou o chapéu e começou a tocar com os dedos na copa do dito chapéu uma coisa que eu não pude

saber o que era, mas que devia ser alguma sinfonia de doidos, porque o homem parecia vir direitinho da Praia Vermelha.

Relanceei os olhos para o meu amigo, que dormia a sono solto na cadeira de espaldar. Os ratos continuavam a sua saturnal no forro.

Conservei-me de pé durante poucos instantes a ver se o desconhecido se resolvia a dizer alguma coisa, e durante esse tempo, apesar da impressão desagradável que o homem produzia em mim, examinei-lhe as feições e o vestuário.

Já disse que vinha embrulhado em um capote; ao sentar-se, abriu-se-lhe o capote, e vi que o homem calçava umas botas de couro branco, vestia calça de pano amarelo e um colete verde, cores estas que, se estão bem numa bandeira, não se pode com justiça dizer que adornem e aformoseiem o corpo humano.

As feições eram mais estranhas que o vestuário; tinha os olhos vesgos, um grande bigode, um nariz à moda de César, boca rasgada, queixo saliente e beiços roxos. As sobrancelhas eram fartas, as pestanas longas, a testa estreita, coroando tudo uns cabelos grisalhos e em desordem.

O desconhecido, depois de tocar a sua música na copa do chapéu, levantou os olhos para mim, e disse-me:

— Sente-se, meu rico senhor!

Era atrevimento receber eu ordens em minha própria casa. O meu primeiro dever era mandar o sujeito embora; contudo, o tom em que ele falou era tão intimativo que eu insensivelmente obedeci e fui sentar-me no sofá. Daí pude ver melhor a cara do homem, à luz do lampião que pendia do teto, e achei-a pior do que antes.

— Chamo-me Tobias e sou formado em matemáticas.

Inclinei-me levemente.

O desconhecido continuou:

— Desconfio que hei de morrer amanhã; não se espante; tenho certeza de que amanhã vou para o outro mundo. Isso é o menos; morrer é dormir, *to die, to sleep*; entretanto, não quero ir deste mundo sem cumprir um dever imperioso e indispensável. Veja isto.

O desconhecido tirou do bolso um quadrinho e entregou-me. Era uma miniatura; representava uma moça formosíssima de feições. Restituí o quadro ao meu interlocutor esperando a explicação.

— Esse retrato, continuou ele olhando para a miniatura, é de minha filha Eusébia, moça de vinte e dois anos, senhora de uma riqueza igual à de um Creso, porque é a minha única herdeira.

Eu me espantaria do contraste que havia entre a riqueza e a aparência do desconhecido se não tivesse já a convicção de que tratava com um doido. O que eu estava a ver era o meio de pôr o homem pela porta fora; mas confesso que receava algum conflito, e por isso esperei o resultado daquilo tudo.

Entretanto perguntava a mim mesmo como é que os meus escravos deixaram entrar um desconhecido até a porta do meu quarto, apesar das ordens especiais que eu havia dado em contrário. Já eu calculava mentalmente a natureza do castigo que lhes daria por causa de tamanha incúria ou cumplicidade, quando o desconhecido atirou-me estas palavras à cara:

— Antes de morrer quero que o senhor se case com Eusébia; é esta a proposta que venho fazer-lhe; sendo que, no caso de aceitar o casamento, já aqui lhe deixo este maço de notas do banco para alfinetes, e no caso de recusar mando-lhe simplesmente uma bala à cabeça com este revólver que aqui trago.

E pôs à mesa o maço de bilhetes do banco e o revólver engatilhado.

A cena tomava um aspecto dramático. O meu primeiro ímpeto foi acordar o dr. Vaz, a ver se ajudado por ele punha o homem pela porta fora; mas receei, e com razão, que vendo um gesto meu nesse sentido, o desconhecido executasse a segunda parte do seu discurso.

Só havia um meio: ladear.

— Meu rico sr. Tobias, é inútil dizer-lhe que eu sinto imensa satisfação com a proposta que me faz, e está longe de mim a idéia de recusar a mão de tão formosa criatura, e mais os seus contos de réis. Entretanto, peço-lhe que repare na minha idade; tenho setenta anos; a sra. D. Eusébia apenas conta vinte e dois. Não lhe parece um sacrifício isto que vamos impor à sua filha?

Tobias sorriu, olhou para o revólver, e entrou a tocar com os dedos na copa do chapéu.

— Longe de mim, continuei eu, a idéia de ofendê-lo; pelo contrário, se eu consultasse unicamente a minha ambição não diria palavra; mas é no interesse mesmo dessa gentilíssima dama, que eu já vou amando apesar dos meus setenta, e no interesse dela que eu lhe observo a disparidade que entre nós existe.

Estas palavras disse-as eu em voz alta a ver se o dr. Vaz acordava; mas o meu amigo continuava mergulhado na cadeira e no sono.

— Não quero saber de sua idade, disse Tobias pondo o chapéu na cabeça e segurando no revólver; o que eu quero é que se case com Eusébia, e hoje mesmo. Se recusa, mato-o.

Tobias apontou-me o revólver. Que faria eu naquela alternativa, senão aceitar a moça e a riqueza, apesar de todos os meus escrúpulos?

— Caso! exclamei.

Tobias guardou o revólver na algibeira, e disse:

— Pois bem, vista-se.

— Já?

— Sem demora. Vista-se enquanto eu leio. Levantou-se, foi à minha estante, tirou um volume do D. Quixote, e foi sentar-se outra vez; e enquanto eu, mais morto que vivo, ia buscar ao guarda-roupa a minha casaca, o desconhecido tomou uns óculos e preparou-se para ler.

— Quem é este sujeito que está dormindo tão tranqüilo? perguntou ele enquanto limpava os óculos.

— É o dr. Vaz, meu amigo; quer que lhe apresente?

— Não, senhor, não é preciso, respondeu Tobias sorrindo maliciosamente.

Vesti-me com vagar para dar tempo a que algum incidente viesse interromper aquela cena desagradável para mim. Além disso estava trêmulo, não atinava com a roupa, nem com a maneira de vestir.

De quando em quando deitava um olhar para o desconhecido, que lia tranqüilamente a obra do imortal Cervantes.

O meu relógio bateu onze horas.

Subitamente lembrou-me que, uma vez na rua, podia eu ter o recurso de encontrar um policial a quem comunicaria a minha situação, conseguindo ver-me livre do meu importuno sogro.

Outro recurso havia, e melhor que esse; vinha a ser acordar o dr. Vaz na ocasião da partida (coisa natural) e ajudado por ele desfazer-me do incógnito.

Efetivamente, vesti-me o mais depressa que pude, e declarei-me às ordens do sr. Tobias, que fechou o livro, foi pô-lo na estante, rebufou-se no capote, e disse:

— Vamos!

— Peço-lhe entretanto para acordar o dr. Vaz, que não pode ficar aqui, visto que tem de voltar para casa, disse-lhe eu dando um passo para a cadeira onde dormia o Vaz.

— Não é preciso, atalhou Tobias; voltamos dentro de pouco tempo.

Não insisti; restava-me o recurso do policial, ou de algum escravo se pudesse falar-lhe a tempo; o escravo era impossível. Quando saímos do quarto o desconhecido deu-me o braço e desceu comigo rapidamente as escadas até a rua.

À porta de casa havia um carro.

Tobias convidou-me a entrar nele.

Não tendo previsto este incidente, senti fraquear-me as pernas e perdi de todo a esperança de escapar do meu algóz. Resistir era impossível e arriscado; o homem estava armado com um argumento poderoso; e além disso, pensava eu, não se discute com um doido.

Entramos no carro.

Não sei quanto tempo andamos, nem por que caminho fomos; calculo que não ficou no Rio de Janeiro canto por onde não passássemos. No fim de longos e aflitivos séculos de angústia, parou o carro diante de uma casa toda iluminada por dentro.

— É aqui, disse o meu companheiro, desçamos.

A casa era um verdadeiro palácio; a entrada era ornada de colunas de ordem dórica, o vestíbulo calçado de mármore branco e preto, e iluminado por um magnífico candelabro de bronze de forma antiga.

Subimos, eu e ele, por uma magnífica escada de mármore, até o topo, onde se achavam duas pequenas estátuas representando Mercúrio e Minerva. Quando chegamos ali o meu companheiro disse-me apontando para as estátuas:

— São emblemas, meu caro genro: Minerva quer dizer Eusébia, porque é a sabedoria; Mercúrio, sou eu, porque representa o comércio.

— Então o senhor é comerciante? perguntei eu ingenuamente ao desconhecido.

— Fui negociante na Índia.

Atravessamos duas salas, e ao chegarmos à terceira encontramos um sujeito velho, a quem Tobias me apresentou dizendo:

— Aqui está o dr. Camilo da Anunciação; leve-o para a sala dos convidados, enquanto eu vou mudar de roupa. Até já, meu caro genro.

E deu-me as costas.

O sujeito velho, que eu soube depois ser o mordomo da casa, tomou-me pela mão e levou-me a uma grande sala, que era onde se achavam os convidados.

Apesar da profunda impressão que me causava aquela aventura, confesso que a riqueza da casa me assombrava cada vez mais, e não só a riqueza, senão também o gosto e a arte com que estava preparada.

A sala dos convidados estava fechada quando lá chegamos; o mordomo bateu três pancadas, e veio abrir a porta um lacão, também velho, que me segurou pela mão, ficando o mordomo do lado de fora.

Nunca me há de esquecer a vista da sala apenas se me abriram as portas. Tudo ali era estranho e magnífico. No fundo, em frente da porta de entrada, havia uma grande águia de madeira fingindo bronze, encostada à parede, com as asas abertas, e preparando-se como para voar. Do bico da águia pendia um espelho, cuja parte inferior estava presa às garras, conservando assim a posição inclinada que costuma ter um espelho de parede.

A sala não era forrada de papel, mas de seda branca, o teto artisticamente trabalhado; grandes candelabros, magnífica mobília, flores em profusão, tapetes, tudo enfim quanto o luxo e o gosto sugerem ao espírito de um homem rico.

Os convidados eram poucos e, não sei por que coincidência, eram todos velhos, como o mordomo e o lacão, e o meu próprio sogro; finalmente velhos como eu também.

Introduzido pelo criado, fui logo cumprimentado pelas pessoas presentes com uma atenção que me dispôs logo o ânimo a querer-lhes bem.

Sentei-me numa cadeira, e vieram reunir-se em roda de mim, todos risonhos e satisfeitos por ver o genro do incomparável Tobias. Era assim que chamavam ao homem do revólver.

Acudi como pude às perguntas que me faziam, e parece que todas as minhas respostas contentavam aos convidados, porquanto de minuto a minuto choviam sobre mim louvores e cumprimentos.

Um dos convidados, homem de setenta anos, condecorado e calvo, disse com aplausos gerais:

— O Tobias não podia encontrar melhor genro, nem que andasse com uma lanterna por toda a cidade, que digo? por todo o império; vê-se que o dr. Camilo da Anunciação é um perfeito cavalheiro, notável por seus talentos, pela gravidade da sua pessoa, e enfim pelos admiráveis cabelos brancos que lhe adornam a cabeça, mais feliz do que eu que os perdi há muito.

Suspirou o homem com tamanha força que parecia estar nos arrancos da morte. A assembléia cobriu de aplausos as últimas palavras do orador.

Articulei um agradecimento, e preparei imediatamente os ouvidos para responder a outro discurso que me foi dirigido por um coronel reformado, e outro finalmente por uma senhora que, desde a minha entrada, não tirava os olhos de mim.

— Sra. condessa, disse o coronel quando a senhora acabou de falar, confesse V. Exa. que os rapazes de hoje não valem este respeitável ancião, futuro genro do incomparável Tobias.

— Valem nada, coronel! Em matéria de noivos só o século passado os fornece capazes e bons. Casamentos de hoje! Abrenúncio! Uns peraltas todos pregadinhos e esticados, sem gravidade, sem dignidade, sem honestidade!

A conversa assentou toda neste assunto. O século dezenove sofreu ali um vasto processo; e (talvez preconceito de velho) falavam tão bem naquele assunto, com tanta discricção e acerto, que eu acabei por admirá-los.

No meio de tudo, estava ansioso por conhecer a minha noiva. Era a última curiosidade; e se ela fosse, como eu imaginava, uma beleza, e além do mais riquíssima, que poderia exigir da sorte?

Aventurei uma pergunta nesse sentido a uma senhora que se achava ao pé de mim e em frente à condessa. Disse-me ela que a noiva estava no toucador, e não tardava muito que eu a visse. Acrescentou que era linda como o sol.

Entretanto decorrera uma hora, e nem a noiva, nem o pai, o incomparável Tobias, aparecia na sala. Qual seria a causa da demora do meu futuro sogro? Para vestir-se não era preciso tanto tempo. Eu confesso que, apesar da cena do quarto e das disposições em que vi o homem, estaria mais tranqüilo se ele estivesse presente. É que ao velho já eu tinha visto em minha casa; habituara-me aos seus gestos e discursos.

No fim de hora e meia abriu-se a porta para dar entrada a uma nova visita. Imaginem o meu pasmo quando dei com os olhos no meu amigo dr. Vaz! Não pude abafar um grito de surpresa, e corri para ele.

— Tu aqui!

— Ingrato! respondeu sorrindo o Vaz, casas e não convidas ao teu primeiro amigo. Se não fosse esta carta ainda eu lá estaria no teu quarto à espera.

— Que carta? perguntei eu.

O Vaz abriu a carta que trazia na mão e deu-me para ler, enquanto os convidados de longe contemplavam a cena inesperada, tanto por eles, como por mim.

A carta era de Tobias, e participava ao Vaz que, tendo eu de casar-me naquela noite, tomava ele a liberdade de convidá-lo, na qualidade de sogro, para assistir à cerimônia.

— Como vieste?

— Teu sogro mandou-me um carro.

Aqui fui obrigado a confessar mentalmente que o Tobias merecia o título de incomparável, como Enéas o de pio. Compreendi a razão por que não quis que eu o acordasse; era para causar-lhe a surpresa de vê-lo depois.

Como era natural, quis o meu amigo que eu lhe explicasse a história do casamento, tão súbito, e eu já me dispunha a isso, quando a porta se abriu e entrou o dono da casa.

Era outro.

Já não tinha as roupas esquisitas e o ar singular com que o vira no meu quarto; agora trajava com aquela elegância grave que cabe a um velho, e pairava-lhe nos lábios o mais amável sorriso.

— Então, meu caro genro, disse-me ele depois dos cumprimentos gerais, que me diz à vinda do seu amigo?

— Digo, meu caro sogro, que o senhor é uma pérola. Não imaginará talvez o prazer que me deu com esta surpresa, porque o Vaz foi e é o meu primeiro amigo.

Aproveitei a ocasião para o apresentar a todos os convidados, que foram de geral acordo em que o dr. Vaz era um digno amigo do dr. Camilo da Anunciação. O incomparável Tobias manifestou o desejo e a esperança de que dentro de pouco tempo ficaria a sua pessoa ligada à de nós ambos, por modo que fôssemos todos designados: os três amigos do peito.

Bateu meia-noite não sei em que igreja da vizinhança. Ergueu-se o incomparável Tobias, e disse-me:

— Meu caro genro, vamos cumprimentar a sua noiva; aproxima-se a hora do casamento.

Levantaram-se todos e dirigiram-se para a porta da entrada, indo na frente eu, o Tobias e o Vaz. Confesso que, de todos os incidentes daquela noite, este foi o que mais me impressionou. A idéia de ir ver uma formosa

donzela, na flor da idade, que devia ser minha esposa — esposa de um velho filósofo já desenganado das ilusões da vida —, essa idéia, confesso que me aterrou.

Atravessamos uma sala e chegamos diante de uma porta, meia aberta, dando para outra sala ricamente iluminada. Abriram a porta dois lacaios, e todos nós entramos.

Ao fundo, sentada num riquíssimo divã azul, estava já pronta e deslumbrante de beleza a Sra. D. Eusébia. Tinha eu até então visto muitas mulheres de fascinar; nenhuma chegava aos pés daquela. Era uma criação de poeta oriental. Comparando a minha velhice à mocidade de Eusébia, senti-me envergonhado, e tive ímpetos de renunciar ao casamento.

Fui apresentado à noiva pelo pai, e recebido por ela com uma afabilidade, uma ternura, que acabaram por vencer-me completamente. No fim de dois minutos estava eu cegamente apaixonado.

— Meu pai não podia escolher melhor marido para mim, disse-me ela fitando-me uns olhos claros e transparentes; espero que tenha a felicidade de corresponder aos seus méritos.

Balbuciei uma resposta; não sei o que disse; tinha os olhos embebidos nos dela. Eusébia levantou-se e disse ao pai:

— Estou pronta.

Pedi que Vaz fosse uma das testemunhas do casamento, o que foi aceito; a outra testemunha foi o coronel. A condessa serviu de madrinha.

Saímos dali para a capela, que era na mesma casa, e pouco retirada; já lá se achavam o padre e o sacristão. Eram ambos velhos como toda a gente que havia em casa, exceto Eusébia.

Minha noiva deu o sim com uma voz forte, e eu com voz fraquíssima; pareciam invertidos os papéis.

Concluído o casamento, ouvimos um pequeno discurso do padre acerca dos deveres que o casamento impõe e da santidade daquela cerimônia. O padre era um poço de ciência e um milagre de concisão; disse muito em pouquíssimas palavras. Soube depois que nunca tinha ido ao parlamento.

À cerimônia do casamento seguiu-se um ligeiro chá e alguma música. A condessa dançou um minueto com o velho condecorado, e assim terminou a festa.

Conduzido aos meus aposentos por todos os convidados, soube em caminho que o Vaz dormiria lá, por convite expresso do incomparável Tobias, que fez a mesma fineza aos circunstantes.

Quando me achei só com a minha noiva, caí de joelhos e disse-lhe com a maior ternura:

— Tanto vivi para encontrar agora, já quase no túmulo, a maior ventura que pode caber ao homem, porque o amor de uma mulher como tu é um verdadeiro presente do céu! Falo em amor e não sei se tenho direito de o fazer... porque eu sou velho, e tu...

— Cale-se! cale-se! disse-me Eusébia assustada.

E foi cair num sofá com as mãos no rosto.

Espantou-me aquele movimento, e durante alguns minutos fiquei na posição em que estava, sem saber o que havia de dizer.

Eusébia parecia estar chorando.

Levantei-me afinal, e acercando-me do sofá, perguntei-lhe que motivo tinha para aquelas lágrimas.

Não me respondeu.

Tive uma suspeita; imaginei que Eusébia amava alguém, e que, para castigá-la do crime desse amor, obrigavam-na a casar com um velho desconhecido a quem ela não podia amar.

Despertou-se-me uma fibra de D. Quixote. Era uma vítima; cumpria salvá-la. Aproximei-me de Eusébia, confiei-lhe a minha suspeita, e declarei-lhe a minha resolução.

Quando eu esperava vê-la agradecer-me de joelhos o nobre impulso das minhas palavras, vi com surpresa que a moça olhava para mim com ar de compaixão, e dizia-me abanando a cabeça:

— Desgraçado! é o senhor quem está perdido!

— Perdido! exclamei eu dando um salto.

— Sim, perdido!

Cobriu-se-me a testa de um suor frio; as pernas entraram a tremer-me, e eu para não cair assentei-me ao pé dela no sofá. Pedi-lhe que me explicasse as suas palavras.

— Por que não? disse ela; se lhe ocultasse seria cúmplice perante Deus, e Deus sabe que eu sou apenas um instrumento passivo nas mãos de todos esses homens. Escute. O senhor é o meu quinto marido; todos os anos, no mesmo dia e à mesma hora, dá-se nesta casa a cerimônia que o senhor presenciou. Depois, todos me trazem para aqui com o meu noivo, o qual...

— O qual? perguntei eu suando.

— Leia, disse Eusébia indo tirar de uma cômoda um rolo de pergaminho; há um mês que eu pude descobrir isto, e só há um mês tive a explicação dos meus casamentos todos os anos.

Abri trêmulo o rolo que ela me apresentava, e li fulminado as seguintes linhas:

Elixir da eternidade, encontrado numa ruína do Egito, no ano de 402. Em nome da águia preta e dos sete meninos do Setentrião, salve. Quando se juntarem vinte pessoas e quiserem gozar do inapreciável privilégio de uma vida eterna, devem organizar uma associação secreta, e ceiar todos os anos no dia de S. Bartolomeu, um velho maior de sessenta anos de idade, assado no forno, e beber vinho puro por cima.

Compreende alguém a minha situação? Era a morte que eu tinha diante de mim, a morte infalível, a morte dolorosa. Ao mesmo tempo era tão singular tudo quanto eu acabava de saber, parecia-me tão absurdo o meio

de comprar a eternidade com um festim de antropófagos, que o meu espírito pairava entre a dúvida e o receio, acreditava e não acreditava, tinha medo e perguntava por quê?

— Essa é a sorte que o espera, senhor!

— Mas isto é uma loucura! exclamei; comprar a eternidade com a morte de um homem! Demais, como sabe que este pergaminho tem relação?...

— Sei, senhor, respondeu Eusébia; não lhe disse eu que este casamento era o quinto? Onde estão os outros quatro maridos? Todos eles penetraram neste aposento para saírem meia hora depois. Alguém os vinha chamar, sob qualquer pretexto, e eu nunca mais os via. Desconfiei de alguma grande catástrofe; só agora sei o que é.

Entrei a passear agitado; era verdade que eu ia morrer? era aquela a minha última hora de vida? Eusébia, assentada no sofá, olhava para mim e para a porta.

— Mas aquele padre, senhora, perguntei eu parando em frente dela, aquele padre também é cúmplice?

— É o chefe da associação.

— E a senhora! também é cúmplice, pois que as suas palavras foram um verdadeiro laço; se não fossem elas eu não aceitaria o casamento...

— Ai! senhor! respondeu Eusébia lavada em lágrimas; sou fraca, isso sim; mas cúmplice, jamais. Aquilo que lhe disse foi-me ensinado.

Nisto ouvi um passo compassado no corredor; eram eles naturalmente.

Eusébia levantou-se assustada e ajoelhou-se-me aos pés, dizendo com voz surda:

— Não tenho culpa de nada do que vai acontecer, mas perdoe-me a causa involuntária!

Olhei para ela e disse-lhe que a perdoava.

Os passos aproximavam-se.

Dispus-me a vender caro a minha vida; mas não me lembrava que, além de não ter armas, faltavam-me completamente as forças.

Quem quer que vinha andando chegou à porta e bateu. Não respondi logo; mas insistindo de fora nas pancadas, perguntei:

— Quem está aí?

— Sou eu, respondeu-me Tobias com voz doce; queira abrir-me a porta.

— Para quê?

— Tenho de comunicar-lhe um segredo.

— A esta hora!

— É urgente.

Consultei Eusébia com os olhos; ela abanou tristemente a cabeça.

— Meu sogro, adiemos o segredo para amanhã.

— É urgentíssimo, respondeu Tobias, e para não lhe dar trabalho eu mesmo abro com outra chave que possuo.

Corri à porta, mas era tarde; Tobias estava na soleira, risonho como se fosse entrar num baile.

— Meu caro genro, disse ele, peço-lhe que venha comigo à sala da biblioteca; tenho de comunicar-lhe um importante segredo relativo à nossa família.

— Amanhã, não acha melhor? disse eu.

— Não, há de ser já! respondeu Tobias franzindo a testa.

— Não quero!

— Não quer! pois há de ir.

— Bem sei que sou o seu quinto genro, meu caro Sr. Tobias.

— Ah! sabe! Eusébia contou-lhe os outros casamentos; tanto melhor!

E, voltando-se para a filha, disse com frieza de matar:

— Indiscreta! vou dar-te o prêmio.

— Sr. Tobias, ela não tem culpa.

— Não foi ela quem lhe deu esse pergaminho? perguntou o Tobias apontando para o pergaminho que eu ainda tinha na mão.

Ficamos aterrados!

Tobias tirou do bolso um pequeno apito e deu um assobio, ao qual responderam outros; e daí a alguns minutos estava a alcova invadida por todos os velhos da casa.

— Vamos à festa! disse o Tobias.

Lancei mão de uma cadeira e ia atirar contra o sogro, quando Eusébia segurou-me no braço, dizendo:

— É meu pai!

— Não ganhas nada com isso, disse Tobias sorrindo diabolicamente; hás de morrer, Eusébia.

E segurando-a pelo pescoço entregou-a a dois lacaios dizendo:

— Matem-na.

A pobre moça gritava, mas em vão; os dois lacaios levaram-na para fora, enquanto os outros velhos seguraram-me pelos braços e pernas, e levaram-me em procissão para uma sala toda forrada de preto. Cheguei ali mais morto que vivo. Já lá achei o padre vestido de batina.

Quis ver antes de morrer o meu pobre amigo Vaz, mas soube pelo coronel que ele estava dormindo, e não sairia mais daquela casa; era o prato destinado ao ano futuro.

O padre declarou-me que era o meu confessor; mas eu recusei receber a absolvição do próprio que me ia matar. Queria morrer impenitente.

Deitaram-me em cima de uma mesa atado de pés e mãos, e puseram-se todos à roda de mim, ficando à minha cabeceira um laçao armado com um punhal.

Depois entrou toda a companhia a entoar um coro em que eu só distinguia as palavras: “Em nome da águia preta e dos sete meninos do Setentrião.”

Corria-me o suor em bagas; eu quase nada via; a idéia de morrer era horrível, apesar dos meus setenta anos, em que já o mundo não deixa saudades.

Parou o coro e o padre disse com voz forte e pausada:

— Atenção! Faça o punhal a sua obra!

Luziu-me pelos olhos a lâmina do punhal, que se cravou todo no coração; o sangue jorrou-me do peito e inundou a mesa; eu entre convulsões mortais dei o último suspiro.

Estava morto, completamente morto, e entretanto ouvia tudo à roda de mim; restava-me uma certa consciência deste mundo a que já não pertencia.

— Morreu? perguntou o coronel.

— Completamente, respondeu Tobias; vão chamar agora as senhoras.

As senhoras chegaram dali a pouco, curiosas e alegres.

— Então? perguntou a condessa; temos homem?

— Ei-lo.

As mulheres aproximaram-se de mim, e ouvi então um elogio unânime dos canibais; todos concordaram em que eu estava gordo e havia de ser excelente prato.

— Não podemos assá-lo inteiro; é muito alto e gordo; não cabe no forno; vamos esquartejá-lo; venham facas.

Estas palavras foram ditas pelo Tobias, que imediatamente distribuiu os papéis: o coronel cortar-me-ia a perna esquerda, o condecorado a direita, o padre um braço, ele outro e a condessa, amiga de nariz de gente, cortaria o meu para comer de cabidela.

Vieram as facas, e começou a operação; confesso que eu não sentia nada; só sabia que me haviam cortado uma perna quando ela era atirada ao chão com estrépito.

— Bem, agora ao forno, disse Tobias.

De repente ouvi a voz do Vaz.

— Que é isso, ó Camilo, que é isso? dizia ele.

Abri os olhos e achei-me deitado no sofá em minha casa; Vaz estava ao pé de mim.

— Que diabo tens tu?

Olhei espantado para ele, e perguntei:

— Onde estão eles?

— Eles quem?

— Os canibais!

— Estás doído, homem!

Examinei-me: tinha as pernas, os braços e o nariz. O quarto era o meu. Vaz era o mesmo Vaz.

— Que pesadelo tiveste! disse ele. Estava eu a dormir quando acordei com os teus gritos.

— Ainda bem, disse eu.

Levantei-me, bebi água, e contei o sonho ao meu amigo, que riu muito, e resolveu passar a noite comigo. No dia seguinte, acordamos tarde e almoçamos alegremente. Ao sair, disse-me o Vaz:

— Por que não escreves o teu sonho para o Jornal das Famílias?

— Homem, talvez.

— Pois escreve, que eu o mando ao Garnier.